

LAINI TAYLOR

A QUIMERA DE PRAGA

Tradução de Elsa T. S. Vieira

*Era uma vez um anjo e um demónio que se apaixonaram.
A história não acabou bem.*

1

Impossível de assustar

Enquanto caminhava para a escola, sobre as pedras da calçada cobertas pela neve, Karou não teve qualquer premonição sinistra em relação ao dia. Parecia uma segunda-feira igual a qualquer outra, inocente na sua essência de segunda-feira, já para não mencionar a essência de janeiro. Estava frio e escuro – no pino do inverno, o sol só nascia perto das oito –, mas era também encantador. Os flocos de neve e a luz da madrugada conspiravam para pintar Praga de cores fantasmagóricas, como uma fotografia de ferrotipia, toda em prateados e esfumados.

Na estrada ao longo do rio passavam elétricos e autocarros ruidosos que arrastavam o dia para o século XXI, mas, nas artérias menos movimentadas, a paz invernososa podia perfeitamente pertencer a outro tempo. Apenas neve e pedra e luzes fantasmagóricas, os passos de Karou e a pluma de vapor do seu copo de café, e ela, sozinha e perdida em pensamentos mundanos: escola, tarefas. De vez em quando, uma pontada de tristeza intrometia-se, como as pontadas de tristeza costumam fazer, e ela mordida a bochecha, amargurada, mas afastava-a decididamente, determinada a pôr tudo para trás das costas.

Levava o copo de café numa mão e, com a outra, mantinha o casaco aconchegado ao corpo. Ao ombro tinha uma pasta de artista e o seu cabelo – solto, comprido e azul como as penas de um pavão – ia ficando coberto de uma renda de flocos de neve.

Apenas mais um dia.

E depois...

Um ronco, passos apressados e foi agarrada por trás, puxada com força contra o peito largo de um homem; as mãos dele afastaram-lhe o cachecol e sentiu dentes – *dentes* – encostados ao pescoço.

A morder.

O atacante estava a *mordiscá-la*.

Irritada, tentou afastá-lo sem entornar o café, mas não conseguiu impedir que saltasse um pouco de líquido do copo para a neve suja.

– Céus, Kaz, larga-me! – exclamou, e virou-se para o ex-namorado. A luz suave do candeeiro de rua iluminava o rosto belo. *Beleza estúpida*, pensou, enquanto o empurrava. *Cara estúpida*.

– Como sabias que era eu? – perguntou ele.

– És sempre tu. E nunca funciona.

Kazimir ganhava a vida a saltar de trás de coisas, e era frustrante para ele nunca conseguir sobressaltar minimamente Karou.

– És impossível de assustar – queixou-se, com o beicinho que julgava ser irresistível. Até há pouco tempo, pelo menos: ela ter-se-ia posto em bicos de pés e lambido o lábio inferior franzido, de forma lânguida, e depois prendê-lo-ia entre os dentes para o provocar, antes de se perder num beijo que a faria derreter-se contra ele como mel aquecido ao sol.

Decididamente, esses dias tinham ficado para trás.

– Se calhar tu é que não és assustador – retorquiu, e continuou a andar.

Kaz correu para a apanhar e caminhou ao lado dela, com as mãos enfiadas nos bolsos.

– Mas eu *sou* assustador. O ronco? A dentada? Qualquer pessoa normal teria um ataque cardíaco. Menos tu, que tens água gelada nas veias em vez de sangue.

Ao ver que ela o ignorava, acrescentou:

– O Josef e eu vamos começar um novo circuito. Um circuito de *vampiros* pela Cidade Velha. Os turistas vão adorar.

Iam mesmo, pensou Karou. Pagavam bom dinheiro pelos «circuitos fantasmas» de Kaz, que consistiam em serem conduzidos como um rebanho pelas ruelas labirínticas de Praga, à noite, parando nos locais de supostos homicídios para que os «fantasmas» pudessem saltar de trás das portas e fazê-los gritar. Ela própria representara o papel

de fantasma em várias ocasiões, a gemer com uma cabeça ensanguentada na mão levantada, enquanto os gritos dos turistas davam lugar a risos. Era divertido.

Kaz fora divertido. Mas já não era.

– Boa sorte – desejou, de olhos postos em frente, em tom cinzento.

– Temos lugar para ti – disse Kaz.

– Não.

– Podias ser uma vampira *sexy*...

– Não.

– Atrair os homens...

– Não.

– Podias usar a tua capa...

Karou ficou tensa.

Kaz tentou aliciá-la com voz suave.

– Ainda a tens, não tens, querida? A coisa mais linda que já vi: tu com aquela seda negra sobre a pele branca...

– Cala-te – sibilou, e estacou no meio da Praça Maltesa. *Céus*, pensou. Como fora estúpida em se apaixonar por aquele atorzeco de rua insignificante, em se mascarar para ele e em lhe dar memórias como aquela! Extremamente estúpida.

Solitariamente estúpida.

Kaz ergueu a mão para lhe sacudir um floco de neve das pestanas.

– Toca-me outra vez – disse –, e levas com o café na cara.

Ele baixou a mão.

– Roo, Roo, minha feroz Karou. Quando vais parar de lutar contra mim? Já te disse que estava arrependido.

– Podes estar arrependido à vontade, mas vai fazê-lo para outro lado. – Falavam em checo, e o sotaque adquirido de Karou era idêntico ao sotaque nativo de Kaz.

Ele suspirou, irritado por Karou continuar a resistir ao pedido de desculpa. Aquilo não fazia parte do guião.

– Vá lá – suplicou. A sua voz era ao mesmo tempo áspera e suave, como a mistura de seda e gravilha na voz de um cantor de *blues*.

– Estamos destinados um ao outro, tu e eu.

Destinados. Karou esperava sinceramente que, se estivesse «destinada» a alguém, não fosse Kaz. Olhou para ele, para o belo Kazimir cujo sorriso costumava agir sobre ela como um chamamento, empurrando-a para junto dele, e como esse lhe parecera um lugar glorioso para estar, como se as cores fossem mais brilhantes, as sensações mais profundas. Era também, como ela descobrira, um lugar *popular*, ocupado por outras raparigas quando ela não estava lá.

– Pede à Svetla que seja a tua vampira sedutora – sugeriu. – Lá sedutora é ela.

Kaz pareceu triste.

– Não quero a Svetla. Quero-te a ti.

– É pena. Eu não sou uma opção.

– Não digas isso – implorou, tentando pegar-lhe na mão.

Karou recuou, e uma pontada de dor trespassou-lhe o coração, apesar de todos os seus esforços para manter a indiferença. *Não vale a pena*, pensou com os seus botões. *Nem por sombras.*

– Não sei se sabes, mas isto é a definição de assédio.

– *Bah!* não estou a assediar-te nem a perseguir-te. Ia a passar aqui por acaso.

– Claro – ironizou Karou. Estavam agora a poucas portas da escola. O Liceu da Arte de Boémia era uma escola privada que funcionava num palácio barroco cor-de-rosa, famoso por, durante a ocupação nazi, ter sido o local onde dois jovens nacionalistas checos cortaram a garganta a um comandante da Gestapo, tendo depois escrevinhado a palavra *liberdade* com o sangue dele. Uma rebelião corajosa e breve, antes de serem capturados e empalados nos remates pontiagudos do portão do pátio. Agora, havia estudantes encostados a esse mesmo portão, a fumar, à espera de amigos. Mas Kaz não era um estudante – tinha vinte anos, era mais velho do que Karou – e nunca o vira levantar-se da cama antes do meio-dia.

– Porque estás acordado a esta hora, afinal?

– Tenho um trabalho novo – respondeu o rapaz. – Entro cedo.

– Não me digas que estás a fazer circuitos de vampiros *matinais*?

– Não é isso. Outra coisa. Uma espécie de... *revelação*. – Sorria.

A vangloriar-se. Queria que ela lhe perguntasse qual era esse trabalho.

Ela não lhe ia dar esse gostinho. Com perfeito desinteresse, disse:

– Bom, diverte-te. – E, com estas palavras, afastou-se.

Kaz gritou-lhe:

– Não queres saber o que é? – Ainda com aquele sorriso. Karou conseguia percebê-lo na sua voz.

– Não me interessa – respondeu, e entrou no portão.

*

Devia mesmo ter perguntado.

2

Uma espécie de revelação

Às segundas, quartas e sextas-feiras, a primeira aula de Karou era Desenho de Modelo Vivo. Quando entrou no estúdio, a sua amiga Zuzana já lá estava e reservara dois cavaletes em frente à plataforma do modelo. Karou tirou a pasta do ombro, despiu o casaco, desenrolou o cachecol e anunciou:

– Estou a ser assediada.

Zuzana arqueou uma sobrancelha. Era mestre em arquear sobrancelhas, e Karou invejava-a por isso. As suas não funcionavam de forma independente, o que a deixava em desvantagem quando tinha de fazer expressões de suspeita e desdém.

Zuzana conseguia fazer ambas na perfeição, mas aquele era um erguer de sobrancelha menos acentuado, por mera curiosidade.

– Não me digas que o imbecil tentou assustar-te outra vez.

– Está a passar por uma fase de vampiro. Mordeu-me o pescoço.

– Atores – murmurou Zuzana. – Estou a avisar-te: tens de dar um choque elétrico a esse falhado. Para aprender a não andar a pregar sustos às pessoas.

– Não tenho um *taser*. – Karou não acrescentou que não precisava de um; era perfeitamente capaz de se defender sem eletricidade, graças à educação invulgar que tivera.

– Então arranja um. A sério. O mau comportamento devia ser punido. Além disso, seria divertido. Não achas? Sempre quis dar um choque a alguém. *Zzzz!* – Zuzana fingiu estar a ter convulsões.

Karou abanou a cabeça.

– Não, minha pequena violenta, não acho que seria divertido. Tu és terrível.

– Não sou nada. O Kaz é que é. Diz-me que não preciso de to recordar. – Lançou um olhar cortante a Karou. – Diz-me que não estás sequer a considerar a hipótese de lhe perdoar.

– *Não* – declarou Karou. – Mas experimenta convencê-lo disso. – Kaz pura e simplesmente não conseguia imaginar que uma rapariga estivesse disposta a abdicar voluntariamente dos seus encantos. E, nos meses em que tinham estado juntos, ela não fizera outra coisa senão reforçar a sua vaidade, ao olhar para ele com ar sonhador, ao dar-lhe... tudo. O facto de ele andar agora a tentar reconquistá-la era, na opinião de Karou, uma questão de orgulho, para provar a si próprio que podia ter quem quisesse.

Talvez Zuzana tivesse razão. Talvez *devesse* dar-lhe um choque.

– Caderno – ordenou Zuzana, de mão estendida como um cirurgião à espera do bisturi.

A melhor amiga de Karou era mandona em proporção inversa ao seu tamanho. Mal passava do metro e meio, mesmo com as botas de plataforma, enquanto Karou tinha pouco mais de um metro e sessenta e cinco mas parecia mais alta, tal como uma bailarina, por causa do pescoço comprido e dos membros esguios. No entanto, não existem muitas bailarinas com cabelo azul vivo e uma constelação de tatuagens nos braços e nas pernas, e Karou tinha ambas as coisas.

As únicas tatuagens visíveis, quando tirou o caderno da pasta e o entregou à amiga, eram as que lhe contornavam os pulsos, como pulseiras, uma única palavra em cada um: *história e real*.

Quando Zuzana pegou no caderno, dois outros alunos, Pavel e Dina, aproximaram-se para espreitar por cima do ombro dela. Os cadernos de desenho de Karou tinham um grupo de seguidores de culto na escola, e eram passados de mão e mão e admirados com assombro todos os dias. Este – o número noventa e dois numa série que abrangia toda a sua vida – tinha elásticos a mantê-lo fechado e abriu-se assim que Zuzana os tirou, cada página tão coberta de gesso e tinta que a lombada quase não conseguia contê-las. Quando as folhas se abriram, as personagens únicas de Karou tremeluziram nas páginas, maravilhosamente retratadas e profundamente estranhas.

Ali estava Issa, serpente da cintura para baixo e mulher da cintura para cima, com seios nus e redondos como nas esculturas do Kama Sutra, o capuz e as presas de uma cobra e o rosto de um anjo.

Twiga, com pescoço de girafa, curvado para a frente, com a lupa de joalheiro encaixada num olho semicerrado.

Yasri, com bico de papagaio e olhos humanos, os caracóis cor de laranja a escaparem-se do lenço. Nas mãos, trazia uma travessa de fruta e um jarro de vinho.

E Brimstone, claro – ele era a estrela dos cadernos. Naquele aparecia retratado com Kishmish empoleirado na curva de um dos grandes cornos de carneiro. Nas histórias fantásticas que Karou contava nos seus cadernos, Brimstone negociava em desejos. Por vezes ela chamava-lhe «o Desejeiro»; outras vezes, simplesmente «o rezingão».

Desenhava as criaturas desde pequena, e os amigos costumavam falar delas como se existissem mesmo.

– O que é que o Brimstone andou a fazer este fim de semana? – perguntou Zuzana.

– O costume – respondeu Karou. – A comprar dentes a assassinos. Ontem arranjou de crocodilo do Nilo através de um caçador clandestino somali horrível, mas o idiota tentou roubá-lo e quase acabou estrangulado com o colar de cobra. Tem sorte em estar vivo.

Zuzana encontrou a história ilustrada nas últimas páginas do caderno: o somali, com os olhos revirados e a cobra fina a apertar-lhe o pescoço como um garrote. Os humanos, explicara uma vez Karou, tinham de colocar uma das serpentes de Issa à volta do pescoço antes de poderem entrar na loja de Brimstone. Assim, se tentassem alguma coisa, era fácil dominá-los – por estrangulamento, que não era sempre fatal, ou, se necessário, com uma dentada no pescoço, que era.

– Como é que inventas estas coisas, maluca? – perguntou Zuzana, em tom de inveja e assombro.

– Quem disse que as invento? Estou sempre a dizer-vos que é tudo real.

– Sim, sim. E o teu cabelo também já nasce dessa cor.

– O que foi? Claro que nasce! – garantiu Karou, passando uma madeixa comprida entre os dedos.

– Claro.

Karou encolheu os ombros e prendeu o cabelo num carrapito largo na nuca, que trespassou com um pincel para o segurar. Na verdade, o cabelo nascia-lhe mesmo daquela cor, um azul puro como que saído diretamente da bisnaga de tinta, mas essa era uma verdade que ela proferia com um certo sorriso irónico, como se estivesse a ser absurda. Ao longo dos anos descobrira que bastava aquilo, o sorriso indolente, e podia dizer a verdade sem correr o risco de que acreditassem em si. Era mais fácil do que tentar manter as mentiras organizadas; e assim tornara-se parte de quem ela era: Karou, com o seu sorriso irónico e imaginação louca.

Na verdade, não era a sua imaginação que era louca. Era a sua vida – cabelo azul, Brimstone e tudo o resto.

Zuzana passou o caderno a Pavel e começou a folhear o seu próprio bloco de desenho, à procura de uma página vazia.

– Quem será que vem posar hoje?

– Provavelmente o Wiktor – disse Karou. – Há já algum tempo que não o vemos.

– Eu sei. Tenho esperança de que esteja morto.

– Zuzana!

– O que foi? O tipo tem oito milhões de anos. Mais valia estarmos a desenhar um esqueleto anatómico em vez daquele saco de ossos sinistro.

Havia cerca de uma dúzia de modelos, masculinos e femininos, de todos os feitios e idades, que rodavam ao longo das aulas. Iam desde a enorme *madame* Svobodnik, cujo corpo era mais uma paisagem do que uma silhueta, até à pequena e delicada Eliska, com a sua cinturinha de vespa, a preferida dos alunos do sexo masculino. O idoso Wiktor era o que Zuzana menos gostava. Afirmava ter pesadelos sempre que tinha de o desenhar.

– Parece uma múmia desenfaixada – estremeceu. – Diz-me, achas mesmo que olhar para um velho nu é a melhor forma de começar o dia?

– É melhor do que ser atacada por um vampiro – respondeu Karou.

Na verdade, ela não se importava de desenhar Wiktor. Para

começar, ele era tão míope que nunca estabelecia contacto visual com os alunos, o que era um bônus. Apesar de desenhar nus há anos, ainda se sentia incomodada quando, ao desenhar um dos modelos masculinos mais jovens, erguia os olhos de um estudo do seu pênis – era um estudo necessário; não podiam propriamente deixar a área em branco – e o apanhava a observá-la. Tinham sido muitas as ocasiões em que Karou sentira as faces a arder e tivera de se esconder atrás do cavalete.

Essas ocasiões, como se viria a revelar, estavam prestes a ser reduzidas à sua insignificância em comparação com o embaraço por que iria passar daí a um bocado.

Estava a afiar um lápis com uma lâmina quando Zuzana balbuciou, em voz estranha e sufocada:

– Oh, meu Deus, Karou!

E, antes mesmo de erguer os olhos, Karou soube.

Uma *revelação*, dissera ele. Oh, que espertinho. Levantou os olhos do lápis e viu Kaz, de pé ao lado da *profesorka* Fiala. Estava descalço e de roupão e tinha o cabelo dourado, pelos ombros, que minutos antes Karou vira revolto pelo vento e salpicado de flocos de neve brilhantes, preso num rabo de cavalo. O seu rosto era uma fusão perfeita de ângulos eslavos e sensualidade suave: maçãs do rosto que podiam ter saído do torno de um cortador de diamantes, lábios que uma pessoa só queria tocar com as pontas dos dedos para ver se eram como veludo. E eram, sabia Karou. Lábios estúpidos.

Um zunzum percorreu a sala. *Um modelo novo, oh, meu Deus, lindo...*

Um dos murmúrios sobrepôs-se aos outros:

– Não é o namorado da Karou?

Ex, quis ela ripostar. Muito, muito *ex*.

– Acho que sim. *Olha* para ele...

Karou *estava* a olhar para ele, com o rosto paralisado no que esperava ser uma máscara de calma impenetrável. *Não cores*, ordenou a si própria. *Não te atrevas a corar*. Kaz olhou diretamente para ela, com um sorriso que lhe fazia uma covinha na face, olhos indolentes e divertidos. E, quando teve a certeza de que ela estava a ver, teve o descaramento de lhe piscar o olho.

Um coro de risinhos ergueu-se em torno de Karou.

– Oh, o filho da mãe... – sussurrou Zuzana.

Kaz subiu para a plataforma dos modelos. Olhou diretamente para Karou enquanto desatava o cinto do roupão; olhou para ela enquanto o despiu. E depois o ex-namorado de Karou estava de pé em frente de toda a turma, belo como o pecado, nu como *David*. E no peito, mesmo por cima do coração, exibia uma tatuagem nova.

Um *K* numa caligrafia elaborada.

Ouviram-se mais risos. Os alunos não sabiam bem para quem haviam de olhar, se para Karou ou para Kazimir; por isso foram alternando, à espera de que o drama se desenrolasse.

– Silêncio! – ordenou a *profesorka* Fiala, chocada, e bateu palmas até os risos morrerem. Foi então que Karou corou. Não conseguiu evitar. Primeiro sentiu o calor no peito e no pescoço, depois no rosto. Kaz não tirava os olhos dela e a covinha na sua bochecha ficou mais vincada com a satisfação de a ver atrapalhada.

– Poses de um minuto, Kazimir, por favor – pediu Fiala.

Kaz colocou-se na primeira pose. Era dinâmica, como se pretende que sejam as poses de um minuto – tronco torcido, músculos tensos, membros estendidos a simular ação. Estes esboços de aquecimento tinham tudo a ver com movimento e traços soltos, e Kaz estava a aproveitar a oportunidade para se exhibir. Karou pensou que não estava a ouvir muitos lápis a arranhar o papel. Estariam as outras raparigas da turma a olhar estupidamente para Kaz, como ela?

Baixou a cabeça, pegou no lápis afiado – a pensar em outras utilizações que lhe daria de boa vontade – e começou a desenhar. Traços rápidos e fluidos e todos os esboços na mesma página, meio sobrepostos, de modo a parecerem uma ilustração de dança.

Kaz era gracioso. Passava tempo suficiente a admirar-se ao espelho para saber como usar o corpo de modo a obter o máximo efeito. O corpo era o seu instrumento, diria ele. A par da voz, o corpo é a ferramenta do ator. Bom, Kaz era um péssimo ator – e era por isso que vivia de circuitos fantasmas e de uma ou outra produção de baixo orçamento de *Fausto* – mas dava um belo modelo para artista, como Karou sabia, pois já o desenhara muitas vezes.

Da primeira vez que vira o corpo de Kaz completamente...

revelado... Karou pensara que lhe fazia lembrar um Michelangelo. Ao contrário de outros artistas da Renascença, que preferiam modelos esguios e efeminados, Michelangelo optava pela força. Recrutava trabalhadores de ombros largos nas pedreiras e conseguia, de alguma forma, representá-los, simultaneamente, de forma sensual e elegante. Kaz também era assim.

E traidor. E narcisista. E, honestamente, um bocado burro.

– Karou! – Era Helen, a rapariga inglesa, que tentava chamar-lhe a atenção com um sussurro. – É ele?

Karou ignorou-a. Desenhou e fingiu que estava tudo normal. Apenas mais um dia de aulas. Que importava que o modelo tivesse uma covinha insolente na face e não tirasse os olhos dela? Fez os possíveis para o ignorar.

Quando a campainha tocou, Kaz apanhou calmamente o roupão e vestiu-o. Karou rezou para que ele não se lembrasse de que tinha agora liberdade para andar pelo estúdio. *Fica onde estás*, tentou ordenar, telepaticamente. Mas ele não ficou e dirigiu-se a ela com passo vagaroso.

– Olá, imbecil – disse Zuzana. – Cada vez mais modesto.

Ele ignorou-a e perguntou a Karou:

– Gostas da minha tatuagem nova?

Os alunos estavam a levantar-se, mas, em vez de se dispersarem e aproveitarem o intervalo para ir à casa de banho ou fumar, deixaram-se ficar, com naturalidade afetada, no raio de alcance da voz deles.

– Claro – respondeu Karou, em voz baixa. – *K* de Kazimir, não é?

– És muito engraçada. Sabes bem do que é o *K*.

– Bem – disse ela, imitando a pose do *Pensador* –, sei que só existe uma pessoa que tu poderias realmente amar, e o nome dele começa por *K*. Mas acho que ficaria melhor noutra sítio, em vez de no coração. – Pegou no lápis e, no último dos seus esboços de Kaz, traçou um *K* em cima da nádega esculpida.

Zuzana riu-se e Kaz contraiu os maxilares. Tal como a maioria das pessoas vaidosas, detestava que troçassem dele.

– Não sou o único que tem tatuagens, pois não, Karou? – perguntou. Olhou para Zuzana. – Ela já te mostrou?

Zuzana olhou para Karou com a sobrancelha erguida numa expressão desconfiada.

– Não sei de qual estás a falar – mentiu Karou, calmamente.
– Tenho muitas tatuagens. – Para demonstrar, não mostrou *história* nem *real*, nem a serpente enrolada no tornozelo, nem qualquer uma das suas outras obras de arte ocultas. Em vez disso, ergueu as mãos à frente da cara, com as palmas viradas para a frente. No centro de cada uma estava um olho pintado de um tom anil forte que, para todos os efeitos, transformava as suas mãos em *hamsas*, os antigos símbolos de proteção contra o mau-olhado. As tatuagens nas palmas da mão costumam ficar rapidamente esbatidas, mas as de Karou não. Tinha as mãos tatuadas desde que se lembrava; por aquilo que sabia da origem das imagens, podia muito bem ter nascido com elas.

– Não estou a falar assim – objetou Kaz. – Estou a falar da que diz *Kazimir*, mesmo por cima do teu coração.

– Não tenho tatuagem nenhuma dessas. – Simulou um ar perplexo e desabotoou os primeiros botões da camisola de lã. Por baixo tinha uma camisola interior sem mangas, que baixou alguns centímetros para mostrar que, de facto, não havia qualquer tatuagem sobre o seio. A pele era branca como leite.

Kaz pestanejou.

– O quê? Como é que...?

– Vem comigo. – Zuzana pegou na mão de Karou e puxou-a. Enquanto contornavam os cavaletes, Karou foi seguida por olhares de curiosidade.

– Karou, vocês acabaram? – murmurou Helen em inglês, mas Zuzana ergueu a mão, num gesto autoritário que a silenciou, e arastou Karou para fora do estúdio, até à casa de banho das raparigas. Aí, ainda com a sobrancelha erguida, perguntou:

– O que raio foi aquilo?

– O quê?

– *O quê?* Praticamente mostraste-lhe as mamas.

– Por favor. Muito longe disso.

– Como queiras. Que história é essa de uma tatuagem por cima do coração?

– Acabei de te mostrar. Não tenho tatuagem nenhuma. – Não

viu razões para acrescentar que *tivera* uma tatuagem aí: preferia fingir que nunca fora assim tão estúpida. Além disso, explicar como se livrara da tatuagem não era propriamente uma opção.

– Bom, ainda bem. A última coisa de que precisas é do nome daquele idiota no corpo. Inacreditável! Será que ele julga que basta abanar as partes baixas, como um brinquedo para gatos, e tu vais a correr atrás dele?

– Claro que é isso que ele julga – aventou Karou. – Para ele, seria o equivalente a um gesto romântico.

– Só tens de dizer à Fiala que ele te anda a perseguir e ela corre com ele.

Karou ponderara a hipótese, mas abanou a cabeça. Certamente que conseguiria encontrar uma maneira melhor de tirar Kaz da sua aula e da sua vida. Dispunha de meios que a maioria das pessoas não possuía. Havia de ter alguma ideia.

– Por outro lado, o rapaz não é nada mau de desenhar. – Zuzana aproximou-se do espelho e ajeitou os fios de cabelo escuro sobre a testa. – Temos de admitir.

– Pois. Só é pena ser um imbecil de proporções épicas.

– Um orifício anal em pessoa – concordou Zuzana.

– Uma fenda gigantesca.

– Fenda. – Zuzana riu-se. – Gosto.

Karou teve uma ideia e um sorriso levemente perverso cruzou-lhe o rosto. Zuzana apercebeu-se e perguntou:

– O que foi?

– Nada. É melhor voltarmos.

– Tens a certeza? Não és obrigada.

Karou acenou afirmativamente.

– Não há problema.

Kaz já retirara deste seu planozinho engraçado toda a satisfação a que tinha direito. Agora era a vez dela. No regresso ao estúdio, levou a mão ao colar que trazia ao pescoço, com uma série de voltas de contas africanas de todas as cores. Pelo menos, pareciam contas africanas. Eram mais do que isso. Não muito mais, mas o suficiente para o que Karou planeava.